

COVID LONGA é diferente em crianças

Pesquisa com mais de 5,3 mil pessoas de até 17 anos classifica os principais sintomas prolongados da infecção pelo coronavírus e constata que, aqueles que sofreram com a doença, são mais propensos a dor de cabeça e problemas de memória

» PALOMA OLIVETO

No início da pandemia de Sars-CoV-2, surgiu um mito de que crianças e jovens desenvolviam apenas formas brandas da doença. Com o tempo, não só se percebeu que pacientes pediátricos poderiam apresentar quadros graves, como também que estavam sujeitos a sofrer dos sintomas por muito tempo depois da infecção. Agora, no maior estudo sobre o impacto da enfermidade em pessoas com menos de 18 anos, pesquisadores norte-americanos descobriram que a chamada covid longa as afeta de forma diferente, comparado aos adultos.

Estima-se que 65 milhões de pessoas em todo o mundo vivam com covid longa, caracterizada por condições como fadiga, perda de memória e dores persistentes por mais de um mês após a infecção. Até recentemente, a maioria das pesquisas sobre os efeitos crônicos da doença, porém, se concentrava em adultos.

Para quantificar o impacto das sequelas em pacientes mais jovens e de caracterizar os principais sintomas, mais de 140 pesquisadores analisaram dados do estudo Recover, dos Institutos Nacionais de Saúde dos Estados Unidos. O resultado foi publicado no *Journal of the American Medical Association (Jama)*.

Cuidadores de 5.367 crianças (898 em idade escolar e 4.469 adolescentes) responderam a pesquisas on-line sobre a saúde das meninas e dos meninos. Aproximadamente 86% da amostra já havia sido infectada com covid, enquanto 14% — o grupo de controle — não. O estudo avaliou 74 sintomas conhecidos e potenciais do Sars-CoV-2 em nove domínios: olhos, ouvidos, nariz e garganta; coração e pulmões; gastrointestinal; dermatológico; musculoesquelético; neurológico; comportamental e psicológico; menstrual e geral.

Associação

Os pesquisadores descobriram que 45% das crianças em idade escolar (6 a 11 anos) infectadas com covid-19 relataram, pelo menos, um sintoma prolongado após a recuperação inicial, em comparação com 33% das que não tiveram a doença. Entre os adolescentes (12 a 17 anos), os percentuais foram,

LUCIO BERNARDO JR/Agência Brasília



Há quatro anos, os eventuais pacientes pediátricos recebiam máscaras na Estrutural, em Brasília: no início da pandemia, acreditava-se que só contraíam a forma leve da doença

Três perguntas para

LARA MAIA, pediatra do Hospital Edmundo Vasconcelos (SP)

Por que os sintomas da covid longa diferem entre crianças, adolescentes e adultos?

Uma hipótese para isso pode ser devido ao funcionamento do corpo ser um pouco diferente conforme a idade, mas nos estudos ainda não foi provada a razão exata da diferença de sintomas entre as faixas etárias. Alguns

daqueles que podem estar relacionados com a covid longa incluem problemas de memória, dor de cabeça, dor no estômago, dores nas articulações, mudanças no paladar ou olfato.

Devido à complexidade dos sintomas, ainda é um desafio

Arquivo Pessoal



diagnosticar a covid longa?

Sim, permanece um desafio pela dificuldade de se diferenciar se o sintoma está sendo provocado por uma sequela da covid longo ou se existiria por outros fatores da vida do paciente ou outras predisposições.

Uma categorização mais detalhada dos sintomas pediátricos poderia ajudar no diagnóstico e tratamento?

Sim, poderia ajudar para guiar melhor o diagnóstico. Os tratamentos na maioria das vezes são para alívio dos sintomas. Mais estudos poderiam ajudar também a descobrir tratamentos mais específicos ou se existirão ou não tratamentos profiláticos.

Multissistêmico

Os autores escreveram, no artigo, que “as crianças apresentaram sintomas prolongados após a infecção pela covid-19 em quase todos os sistemas orgânicos, com a grande maioria tendo envolvimento multissistêmico.” Lawrence C. Kleinman, professor de pediatria na Universidade de



Algumas crianças são gravemente afetadas; elas não estão inventando”,

Lawrence C. Kleinman, professor de pediatria na Universidade de Rutgers

Rutgers e coautor do artigo, enfatiza que não é raro os pacientes pediátricos desenvolverem a forma crônica da infecção. “Algumas crianças são gravemente afetadas; elas não estão fingindo ou inventando.” Em comparação, os adultos infectados pelo Sars-CoV-2 relataram 37 condições com mais frequência do que os que não tiveram a doença. Entre eles, mal-estar pós-esforço, confusão mental e problemas gastrointestinais e cardíacos, entre outros.

“Nossa pesquisa é um primeiro passo em direção a uma ferramenta que pode um dia ser usada para identificar covid longa em crianças e adolescentes — um grupo amplamente pouco estudado — mas provavelmente mudará e se expandirá à medida que aprendermos mais”, disse, em nota, a autora correspondente do estudo, Rachel Gross, da Universidade de Nova York Langone. Para Kleinman, “essa é uma nova doença crônica em crianças com todas as incógnitas que isso traz”. O pesquisador de Rutgers destaca a necessidade de os sistemas de saúde estarem preparados para lidar com o problema por, pelo menos, uma geração.

“Em conjunto, os resultados destacam a importância de avaliar as condições crônicas pós-covid em todo o espectro da vida, porque houve diferenças claras nas apresentações entre crianças, adolescentes e adultos”, comenta Suchitra Rao, do Departamento de Medicina da Universidade do Colorado, em Aurora, que não participou do estudo. “Quatro anos após os relatos iniciais da covid longa, ainda há muito a ser descoberto sobre a trajetória e as estratégias de prevenção e tratamento, especialmente em crianças”, afirma a pediatra.

Vacina tem efeito neuroprotetor

Um estudo que examinou dados de saúde de 18 milhões de pessoas revelou maior incidência de doenças mentais por até um ano após a covid grave em pessoas não vacinadas. Segundo a pesquisa, de universidades do Reino Unido, os resultados sugerem que a vacinação mitiga os efeitos adversos mentais prolongados.

Os pesquisadores compararam a incidência de doenças mentais em pessoas antes e depois do diagnóstico de covid-19, em dois grupos: vacinados e não-vacinados. Os transtornos incluídos foram depressão, ansiedade geral, transtorno de

estresse pós-traumático, distúrbios alimentares, vício, automutilação e suicídio.

Entre os não-vacinados, a incidência de depressão após a covid-19 foi até 1,22 vez maior comparado a pessoas também não imunizadas, mas que não tiveram a doença. Já quando houve hospitalização, houve até 16,3 mais casos. Nenhuma dessas diferenças foi observada, porém, entre os imunizados.

Segundo os autores, as descobertas, publicadas na revista *Jama*, se somam a um crescente corpo de evidências destacando o maior risco de doenças mentais após o diagnóstico

Divulgação



Entre os imunizados, não houve aumento na incidência de doença mental

de covid-19 e os benefícios da vacinação na mitigação desse risco. “Nossas descobertas têm implicações importantes para a saúde pública e a prestação de serviços de saúde mental, pois doenças mentais graves estão associadas a necessidades de assistência médica mais intensivas e efeitos adversos de longo prazo”, pontua Venexia Walker, pesquisadora da Universidade de Bristol, na

Inglaterra, e uma das principais autoras do estudo.

Jonathan Sterne, professor de estatística médica na mesma instituição, lembra que os estudos sobre o impacto prolongado da covid-19 já associaram a infecção a diversas condições, e que mais pesquisas são necessárias em algumas áreas médicas. “Identificamos associações da covid com doenças cardiovasculares, diabetes e agora doenças mentais. Continuamos a explorar as consequências da doença com projetos em andamento que analisam as relações com condições renais, autoimunes e neurodegenerativas.”